

A paisagem como pista, no desvendar do traçado romano de Tongobriga

Charles Rocha

Existem casos de estudo que despertam um interesse, uma curiosidade, pela sua interdisciplinaridade entre a arquitectura e a arqueologia. Pois há algo sobre a ruína arqueológica, sobre o desafio e sobre o confronto que a sua leitura apresenta, que cria um certo fascínio ao arquitecto. A colocação de questões e busca de respostas sobre a incógnita do fragmento de arquitectura do passado, é assim um incentivo/estimulo à investigação destes casos, e *Tongobriga* foi exemplo disso mesmo.

Por se tratar de um conjunto de vestígios romanos validados, enquadra-se num período histórico bem documentado, e cujos cânones, regras e métodos urbanísticos são largamente difundidos, o que permite ao arquitecto enquadrar-se na linha de pensamento dos projectistas da época. Bases como, o manual de Vitruvius e a comparação com outros modelos tipológicos da época, complementam uma certa intuição dos arquitectos para a tarefa. Porém, sem esquecer, que tal não escusa um aprofundar do conhecimento na arquitectura romana. Pois os romanos tinham uma grande capacidade de adaptação ao lugar, o que levava muitas vezes a alterações nos seus modelos, tendo sempre em conta as situações em que se encontravam.

As questões ligadas à investigação destas antigas estruturas, assemelham-se com as que se colocam no acto de projectar. Pois em ambos os casos, torna-se essencial um bom conhecimento nos métodos intrínsecos ao pensamento em arquitectura. Assim, como se dum projecto se tratasse, o arquitecto dá resposta a este tipo de desafios, utilizando o desenho como principal ferramenta de investigação. Esta abordagem permite o cruzamento de dados, na interpretação de indícios importantes para a formulação de novas ideias, e para fundamentar, desta forma, uma reconstituição conjectural.

Ainda associado ao desenho encontra-se a procura de pistas na paisagem, pois observar a paisagem contemporânea, em que os vestígios se integram, é sem duvida uma forte componente que permite identificar elementos para compreensão do passado. A paisagem é de tal forma materializada pela sobreposição de períodos históricos distintos, que as suas marcas contemporâneas, encontram-se muitas vezes a ocultar vestígios de épocas anteriores. Dois exemplos em que ainda hoje é possível observar uma estruturação preexistente, segundo uma grelha de centurição romana, são a cidade de *Timgad* e de *Imola*, pois as marcas do seu planeamento são ainda hoje evidentes e presentes na paisagem.

É com este conjunto de premissas, que se está em condições de aprofundar o conhecimento sobre os vestígios de *Tongobriga*, entender a sua estrutura, e descodificar elementos contemporâneos demarcados na paisagem (que teriam preservado elementos da antiga cidade romana), assim como estudar a composição arquitectónica e desenho dos equipamentos que compõem o centro cívico.

Os resultados obtidos derivam dum projecto de investigação em que o desenho teve um papel determinante. Um projecto, onde se pretendeu compreender a vivência e integração na

paisagem do Centro Cívico de *Tongobriga*, bem como chegar a uma reconstituição conjectural do mesmo (com *forum*, teatro e hipotético anfiteatro); tendo-se também avançado com dados na compreensão da estrutura urbana desta cidade.